

## ***Aura: Raro Ouro***

Ivan Junqueira  
(Prefácio de *Aura*, 2A, 1997  
reimpresso em Ivan Junqueira, *O fio de dédalo*, Record, 1998)

Como poucas—ou talvez nenhuma das que se escrevem hoje entre nós—, a lírica de Renato Rezende nos remete a uma questão de que pouco se ocupam não apenas nossos poetas, mas também boa parte da crítica literária brasileira. Aludo aqui, especificamente, ao tópico da idéia poética enquanto tal, dessa *avis rara* do pensamento puro (a julgar-se que de fato haja algum) cuja plumagem voltei a entrever quando traduzi para o português a poesia completa de Dylan Thomas. Mais exatamente na última estrofe do poema *Se brilhassem os faróis*, lá estava ela, a pura idéia poética, esguia e solitária: “A bola que lancei quando brincava no parque/ Ainda não tocou o chão”. O culto à idéia poética, aliás, constitui, ao lado da música verbal—não precisamente a “música de idéias” que ouvimos na poesia de T.S. Eliot—, uma das chaves que abrem à nossa compreensão não apenas a essência da lírica de língua inglesa, como todo seu cortejo de polissemias e ambigüidades, mas também as razões além da razão que a tornaram talvez a mais poderosa e aliciante poesia que já se escreveu em qualquer idioma. O substrato e a breve estrutura dos poemas de Renato Rezende (diz-nos ele, a propósito, que só lhe interessa a essência ou aquilo que se reduza a cápsulas de amor preservadas em poemas) não guardam qualquer relação de parentesco com a poesia obscura, sacramental e, em certo sentido “metafísica” de Dylan Thomas, aqui evocado apenas para que se compreenda que, no tocante ao gosto daquela idéia poética, ambos de algum modo se tangenciam. Nos poemas de *Aura*, entretanto, o que

predomina é justamente o avesso do hermetismo metafórico dylaniano, pois há neles algo de claro, de elegante e de conciso que jamais vislumbramos na espessa floração barroca que inerva a linguagem do poeta galês.

O poema que abre a segunda parte de *Aura* e leva o título de *A perna*, por exemplo, dá bem uma noção de como se cristaliza essa idéia poética na linguagem de Renato Rezende. O texto nos fala de uma mendiga que vive perto da casa do poeta e tem uma perna amputada. Já na primeira estrofe confessa-nos o autor que lhe assalta o desejo de beijar a perna que falta ou acariciar aquele pedaço de nada, admitindo ao fim do poema que lhe deu vontade de

Entrar em seu corpo e ser ela,  
ser a perna que falta  
ser a falta da perna dela.

Em outras palavras—e aqui estaria o cerne antinômico dessa idéia poética—, o poeta deseja apenas o que já *não é* no *ser* da mendiga, o que a rigor lhe falta à atualidade ôntica. E daí escrever, nos dois últimos versos, que teve “Vontade de amar/ e ser nada”. Poder-se-ia nesse passo, muito a propósito, recordar aquela premissa da dialética hegeliana que tanto aturdiu o pensamento ocidental (já o aturdiu, é bem de ver, desde os tempos de Heráclito): “A maneira de ser do ser é deixar de ser o ser para passar a ser o nada”. É esse o trânsito antitético que aflora nos dois versos acima citados. Já não se trata aqui daquela drummondiana “falta que ama”, mas de alguém que ama a própria falta. Outro exemplo da utilização da idéia poética é o poema que leva o título de *O elo perdido*, muito embora suas conotações não mantenham nenhuma genealogia com o anterior. O poeta nos informa que

soube, pelo *National Geographic*, que “na Etiópia ingleses e nativos/ descobriram ainda mais antigos restos de hominídeos/ que os famosos vestígios de Lucy”. E conclui:

#### Dentes

e ossos de um indivíduo, que certamente  
não se considerava indivíduo, mas vagamente  
sentia ser parte indivisível de um todo.  
Talvez esse sentimento seja o elo perdido.

A poesia de Renato Rezende deve muito de sua louçania e humor ao uso personalíssimo que faz o autor da idéia poética. É ela, por exemplo, que lhe nutre o capsularismo quase aforismático das vinhetas que constituem a primeira parte de *Aura*. Atestam-no à saciedade poemas como *Mulher*, *Sobre o mar*, *O anjo na calçada*, *A boca*, *Vislumbre*, *Cupido*, *O outro*, *Piazza San Marco* (em cuja primeira estrofe o poeta encadeia com sabedoria três rimas toantes: “Homens”, “pombas”, “gôndolas”) e esta breve e concisa jóia que atende por *Ao redor do fogo*:

O fogo consome  
a madeira  
na lareira ardente.  
Enquanto um outro fogo  
chamado tempo  
nos consome  
—mais lentamente.

Há em todos esses poemas uma transparência conceitual e uma limpeza de fatura que se diriam modelares, longe da turbulência fenomênica dos sentidos, desse transbordamento emocional e discursivo que tanto deitou a perder a nossa poesia desde o romantismo. E entenda-se aqui que a linguagem poética de Renato Rezende esquivava-se de toda forma de arroubo para alçar-se aos píncaros da pura reflexão sobre a realidade. Daí sua concisão, sua elegância, seu humor, sua *wit* e rotundo não à eloquência verbal. Perceba-se, a propósito, o fino comentário a certa crise de identidade em que consiste o poema *O outro*:

Por um segundo, nos olhos do outro  
vejo o reflexo do meu próprio susto  
e o espelho do meu verdadeiro rosto.

Ou a exasperante delicadeza de *O anjo na calçada*:

Douradas, rosas, azuis

na calçada  
duas pétalas de flor  
como asas

borboleta  
crucificada.

Ou, ainda, a fluida—e ao mesmo tempo corpórea—queda deste *Cupido*:

Quando te vi  
deixei cair minhas asas.

Caí como uma pluma  
de pedra.

Flecha  
presa na carne.

Ou, enfim e ao cabo, a singeleza desnuda desta *Mulher* que se beija a si própria:

A mulher, nua  
diante do espelho.

Eis, no meio da vida,  
o prazer verdadeiro.

Em círculo beija  
a própria ferida,  
o próprio seio.

E desnuda é também toda essa linguagem escassa de imagens e metáforas grandiloquentes, de elipses barrocas ou qualquer outro artifício que nos faculte o abuso de estilo. Ele aqui é seco, exato, quase ósseo, fiel, aliás, àquilo que se propõe o autor desde o esfingico sentido da epígrafe tomada a John Donne—“Twice or thrice had I loved thee,/ Before I knew thy face or

name”—, ou seja, àquela ambigüidade sêmica em que se resolve e se reduz toda a autêntica poesia. O jogo supremo do *homo ludens*. O que se emociona em Renato Rezende não são os sentidos, mas o espírito. E talvez a alma. Daí essa rarefação expressiva, essa palavra que não se afasta da inteligência por saber que, se o fizer, correrá o risco de ser abatido por aquilo que Eliot chamou, em *East Coker*, de indisciplinadas esquadilhas da emoção. E há ainda que considerar, no tocante àquela epígrafe, o que nos ensina esse mesmo Eliot sobre aquele mesmo Donne no memorável ensaio “Os poetas metafísicos”, onde se lê: “Tennyson e Browning são poetas, e pensam; mas não sentem o seu pensamento tão imediatamente quanto o perfume de uma rosa. Para Donne, o pensamento era uma experiência; ele modificou sua sensibilidade”. Quem o compreender estará mais próximo do caráter reflexivo e antitético que permeia toda a poesia de Renato Rezende.

Os poemas reunidos em *Aura*, esse raro ouro que o autor garimpou entre 1988 e 1996, foram escritos em Salamanca, Cambridge, Boston, Nova York, Virgínia, Nova Jersey, Roma, Turim, Veneza e Bombaim. Pertenciam ao mundo. Mas o poeta acaba de regressar ao nosso convívio. Menos mal: eles agora nos pertencem.